

# A HISTÓRIA ORAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: A DISCUSSÃO ATUAL EM REVISTAS ACADÊMICAS BRASILEIRAS\*

Nadia Maria Guariza\*

**RESUMO:** Este artigo pretende analisar a história oral e o ensino de história em Revistas acadêmicas Qualis A nacionais. Para tanto, o artigo traça um breve histórico sobre o desenvolvimento da história oral no mundo e no Brasil, mapeando as aproximações da história oral com o ensino de História. Por fim, pretendeu-se verificar e discutir se há uma produção de artigos em revistas acadêmicas brasileiras sobre a história oral e o ensino de história.

**PALAVRAS-CHAVES:** História oral; ensino de História; Revistas Acadêmicas

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze oral history and the teaching of history in academic Brazilian Qualis A journals. For this purpose, the article briefly traces the history of the development of oral history in the world and in Brazil, mapping the approximations of oral history with the teaching of history. Finally, there is a study and discussion of whether there are articles in Brazilian academic journals about oral history and the teaching of history.

**WORDS-KEYS:** oral history ; teaching of history ; Brazilian academic journals

Atualmente muito se discute sobre a emergência dos estudos no campo da história que analisam as relações sociais a partir da autobiografia que a fonte oral pode propiciar. Este interesse nas narrativas orais dos sujeitos históricos coincide com a crescente visibilidade que o indivíduo recebeu desde meados do século XVIII<sup>1</sup>.

Nas últimas décadas os meios acadêmicos desenvolveram produções que empregam a história oral como uma metodologia na construção de um tipo diferenciado de fonte. A fonte oral neste meio foi recebida com receio e euforia, dependendo do ponto de vista do historiador.

Por um lado, havia historiadores que desconfiavam da fonte oral por ser uma lembrança do passado e por isso não teria o mesmo estatuto do documento escrito contemporâneo aos acontecimentos. Por outro lado, existiam historiadores que compreendiam que as fontes orais poderiam dar acesso a uma parcela da população que até então estava marginalizada na produção historiográfica,

---

\* Artigo apresentado para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

\* Professora da Rede Pública do Paraná. Especialista em Ensino de História (UFPR). Mestre em História (UFPR). Doutoranda em História (UFPR). [nadianguariza@hotmail.com](mailto:nadianguariza@hotmail.com).

<sup>1</sup> ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina, 2002.

porque as fontes tradicionalmente utilizadas não permitiam a visibilidade destes grupos<sup>2</sup>.

Contudo, à medida que os estudos na área da história oral se desenvolveram as duas posições tiveram que serem revistas. A primeira sobre a questão da objetividade da fonte oral em relação ao documento escrito foi abandonada, porque são fontes que apresentam características diferentes. A fonte oral, neste sentido, seria apenas uma fonte que teria a especificidade de ser uma narração do presente sobre o passado e por isso poderia permitir ao historiador o acesso à subjetividade dos entrevistados.

A segunda posição de uma história vista de baixo também sofreu críticas, porque os indivíduos entrevistados apesar de estarem na margem poderiam emitir em suas narrativas idéias do centro dominador. De qualquer forma, os estudos que empregavam a metodologia ou discutiam teoricamente a história oral se desenvolveram nestes últimos anos e, de maneira tímida enveredaram sobre o seu uso no ensino de História.

Nos documentos relativos ao ensino de história a primeira vez que a história oral foi mencionada foi nos PCNs (1999) como uma das possibilidades de análise de fontes com os alunos do Ensino Fundamental. Apesar desta menção encontramos poucas produções sobre História oral e ensino de História, porém alguns autores trataram da questão, demonstrando a importância desta metodologia para o ensino de História.

As Diretrizes de História do Estado do Paraná indicam em seus encaminhamentos metodológicos que para o ensino de História faz-se necessário a recuperação do método desta disciplina em sala de aula. Neste sentido, estas Diretrizes propõem que o trabalho sistemático com as fontes históricas em sala de aula deva ser freqüente, entre elas a oral. Demonstrando ao aluno como estas fontes foram construídas e como se processa a análise do historiador<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> PORTELLI, Alessandro. What makes oral history different. In: PERKS, Robert; THOMSON, Alistair. *The oral history reader*. New York: Routledge, 2003. p. 63-74.

<sup>3</sup> DIRETRIZES DE HISTÓRIA DO ESTADO DO PARANÁ. 2007. p. 43.

De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli<sup>4</sup> a história oral em sala de aula pode contribuir para a percepção de que o educando seria participe da História, tornando a História parte integrante de sua própria vida.

Para Ivo Matozzi a história oral permitiria ao indivíduo a compreensão de uma relação diferenciada entre o presente e o passado, contribuindo para o entendimento do processo da construção do conhecimento histórico<sup>5</sup>. O ensino de História, segundo o autor, com vistas em demonstrar ao aluno como o conhecimento histórico é construído poderia contribuir para favorecer a rememoração destes sobre a sua própria história.

Joan Pagés aponta a relação entre história oral, memória e consciência histórica, para ele, a memória permitiria o desenvolvimento de uma consciência histórica no estudante tornando a sua experiência e a sua forma de lembrar o passado uma maneira de conferir sentido a esta experiência. Além disso, a história oral permitiria ao aluno ter contato com a história de populações que não mantiveram uma história escrita<sup>6</sup>.

Neste sentido, a discussão sobre a história oral em sala de aula mostrou-se pertinente porque entre outras questões pode permitir ao educando o contato com a história de grupos que muitas vezes têm a sua história esquecida, assim como é uma possibilidade de se estudar a história local.

O presente artigo teve por objetivo discutir se e como a história oral é abordada em publicações sobre ensino de História. Para tanto, foi realizado um levantamento em periódicos acadêmicos. As revistas analisadas são classificadas como *qualis* A no Portal da CAPES e que tratam de História e Educação.

A demarcação temporal escolhida para esta pesquisa considera como baliza inicial a publicação dos PCNs (1999)<sup>7</sup> e a final o ano de 2007. Esta escolha

---

<sup>4</sup> SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M.. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e Ação no Magistério). p. 125.

<sup>5</sup> MATTOZZI, Ivo. Memória y formación histórica: la memoria em la clase de historia. *Memória histórica y educacion. Didactica de las Ciências Sociales, Geografía e História*. Grão, 2007.

<sup>6</sup> PAGÉS, J. El lugar de la memoria em la enseñanza de la historia. *Memória histórica y educacion. Didactica de las Ciências Sociales, Geografía e História*. Grão, 2007.

<sup>7</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. HISTÓRIA. MEC, 1999. Neste trabalho de intervenção os PCNs apenas serão utilizados como mera demarcação temporal, não se configurando como referencial teórico ou metodológico.

deveu-se ao fato da discussão sobre o emprego da metodologia da História oral no Brasil iniciou-se em 1970 e durante as décadas de 1980 e 1990 sofreu grandes questionamentos por parte dos pesquisadores que até então utilizavam outras fontes históricas.

Além disso, na área do ensino de História o debate em torno da questão da história oral adquiriu maior fôlego após a indicação dos PCNs em empregar esta fonte nas aulas de História<sup>8</sup>. Sendo assim, optamos em analisar o debate sobre a história oral em sala de aula após este indicativo normativo, por compreender um espaço temporal de produção razoável será possível a análise das continuidades e das rupturas na discussão sobre o tema. E por fim, após a seleção analisar o contexto que tornou possível aquelas considerações sobre o tema.

Os periódicos selecionados foram Revista de História (USP), Educação e Realidade, História Oral (RJ), Revista Educação e Pesquisa, Educação e Sociedade, Revista Brasileira de Educação e Educar em Revista. Estas publicações têm em comum a sua linguagem acadêmica e a sua periodicidade que conferem a sua alta conceituação perante a CAPES.

A análise dos artigos das revistas acima citadas teve como propósito averiguar os seguintes pontos: autoria, formação do autor, instituição a qual o autor pertence, os referências teóricos empregados e os indícios empíricos, os limites e as possibilidades do emprego da história oral apontadas pelos autores nos artigos.

## **A HISTÓRIA ORAL E A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA HISTÓRIA**

Após 25 anos do desenvolvimento do campo da história oral os historiadores que utilizam fontes orais começam a questionar o termo “História oral”. Segundo Daniele Voldman o termo tornou-se inadequado porque se considerarmos a história oral um método, ela deveria fazer parte da história do

---

<sup>8</sup> KESSEL, Zilda. *Memória nos Parâmetros Curriculares*. Disponível em: [www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br](http://www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br). Acesso em: 04/08/08.

tempo presente, ou seja, integrar-se a História de maneira geral como uma história testemunhal<sup>9</sup>.

Atualmente, os historiadores orais preferem referir-se a seu campo como o trabalho com a fonte oral. A questão da fonte oral também suscita discussões em torno de sua objetividade, provavelmente há influência da historiografia positivista do século XIX, por tratar-se de um documento não escrito. Além disso, como a fonte oral é construída pelo pesquisador a partir de premissas do seu projeto isso poderia abalar a credibilidade da fonte pela interferência subjetiva do historiador. Outro ponto de questionamento seria o acesso restrito à fonte produzida pelo historiador que poderia ficar sobre a sua guarda.

Para tanto, o historiador deve seguir meticulosamente um método para conferir credibilidade à fonte, começando reconhecendo que a sua subjetividade pode alterar o resultado de sua produção de fonte. A questão relativa ao acesso poderia ser solucionada com a doação das fontes orais utilizadas na pesquisa para um arquivo público<sup>10</sup>.

O campo da história oral desde o seu princípio está associado a várias áreas das Ciências Humanas, não apenas à História, que também contribui para suas indefinições. De qualquer forma, para compreendermos como este campo da história que ainda suscita controvérsias desenvolveu-se no século XX é necessário um breve histórico.

Philippe Joutard traçou um panorama do desenvolvimento da história oral no mundo no século XX<sup>11</sup>. Como mencionado o termo história oral está em questionamento, exceto quando aplicado a história deste campo da história, porque a escrita de uma história a partir de testemunhos não era novidade na História, porém os testemunhos no século XX receberam novo sentido mediante os meios eletrônicos de gravação.

---

<sup>9</sup> VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: FERREIRA, Mariete de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da História oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 33-41. p. 34.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 36-37.

<sup>11</sup> JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Mariete de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da História oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 43-62.

Portanto, a história por testemunhos no século XX passou a ser considerada peculiar. Sendo assim, a história oral corresponderia ao período de criação de uma forma sistemática de gravação de testemunhos. A história oral iniciou os seus arquivos e estudos após a Segunda Guerra Mundial em várias partes do mundo, contudo a referência do início das pesquisas é a Universidade de Columbia nos Estados Unidos.

Os primeiros estudos de história oral nos Estados Unidos eram da área da Ciência Política e concentravam-se nas memórias sobre ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial e de pessoas notáveis. Neste sentido, estes primeiros estudos não se distanciavam muito de uma história positivista de heróis<sup>12</sup>.

Paralelamente, outros estudos de história oral se desenvolviam ligados à Antropologia e, logo se configurou como uma alternativa ao primeiro modelo, pois abordava grupos sociais até então negligenciados pela outra tendência, como trabalhadores, negros e mulheres<sup>13</sup>.

O desenvolvimento desta segunda tendência, concomitantemente a da Ciência Política e, a internacionalização e integração dos estudos, em 1975, deram origem à segunda geração de estudos de história oral. Apesar das duas tendências continuarem a existir, a que estava ligada à Antropologia teve grande desenvolvimento nesta segunda geração, sobretudo com estudos associados a uma perspectiva da história vista de baixo.

Nos anos 1980 ocorreu à multiplicação de colóquios internacionais e foi um período que promoveu reflexões epistemológicas e metodológicas como o questionamento da visão ingênua de que as entrevistas seriam portadoras do real<sup>14</sup>. Nestas reflexões foi de fundamental importância o papel das revistas académicas na divulgação dos estudos e na discussão dos dilemas da história oral<sup>15</sup>.

A quarta geração teve início na década de 1990 e é composta por intelectuais que desde infância vivem num mundo de som e de comunicação e,

---

<sup>12</sup> VOLDMAN, Daniele, p. 45.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>14</sup> JOUTARD, p. 49.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 49.

simultaneamente, partilham do ponto de vista da crítica pós-moderna que privilegia em seus estudos a questão da subjetividade<sup>16</sup>.

Poderíamos pensar que a tendência da Ciência Política estaria preocupada com a precisão factual e com as informações que os depoimentos possam por ventura portar. Por isso, esta tendência fez um grande esforço em colher um grande número de depoimentos, em organizar arquivos públicos e privilegiar as formas de proceder durante esta coleta<sup>17</sup>. Por outro lado, a tendência tributária da Antropologia estaria mais voltada para a análise dos interstícios do discurso, conferindo importância ao depoente, à postura corporal e ao modo de dizer do entrevistado<sup>18</sup>.

Como mencionado no início deste artigo a história oral foi empregada como uma forma de acessar a visão dos “excluídos” da História, na história da fonte oral no Brasil se pode encontrar esta visão nos primeiros estudos acadêmicos.

José Carlos Sebe Bom Meihy analisa a história do emprego da história oral no Brasil partindo do início dos anos de 1980 no período que coincide com a abertura política brasileira, o que marca a história oral um caráter democrático. Segundo o autor, o tema mais recorrente sobre a reflexão da utilização da história oral no país é a constante prática de avaliação desta metodologia<sup>19</sup>.

A história oral teria sido implantada no Brasil pela iniciativa da Fundação Ford em 1975, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas. Neste sentido, esta iniciativa tinha os moldes da tendência da Ciência Política de criar um arquivo de documentos orais sobre a história política brasileira, ou seja, da elite política do país, criando o CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)<sup>20</sup>

Esta iniciativa não atingiu o grande público e não animou adeptos para a prática de entrevistas, sendo assim não irradiou pesquisas no campo da história

---

<sup>16</sup> VOLDMAN, Daniele, p. 50.

<sup>17</sup> VOLDMAN, p. 35.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da História Oral: o caso Brasileiro. *Revista de História*. São Paulo, n. 155, 2 sem/ 2006. p. 191- 204.

<sup>20</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 112-113.

oral na década de 1970. No final dos anos 1970 são produzidos estudos a partir de entrevistas de exilados que retornavam ao país após a Anistia.

O autor propõe ressaltar três situações sobre esta questão: a primeira seria que a maior parte dos textos sobre este assunto ter nascido no exílio ou tratando temas referentes aos exilados<sup>21</sup>; a segunda seria a busca da produção brasileira de referências externas a nossa sociedade; e a terceira corresponderia ao fato de boa parte da produção brasileira concentrar-se mais no debate da metodologia<sup>22</sup> com pouca base empírica<sup>23</sup>.

De acordo com o autor a falta de incentivo governamental por meio de uma política pública sistemática e séria nas instituições de ensino superior do país confere aos estudos de história oral contornos de um saber sem compromisso e sem definições. Sendo assim, ela é percebida como “uma terra de ninguém”, apenas como uma metodologia que pode ser empregada em várias áreas das humanidades.

Este seria o paradoxo da história oral possuir um grande interesse no meio social, porém não ser tratada com seriedade e de maneira sistemática nos estudos acadêmicos, tornando-a apenas mero acessório na análise do objeto. Desta forma, questões ligadas à história oral como memória e identidade, também, tornam-se meros apêndices de outros recursos disciplinares, impedindo a criação de uma autonomia e definição ao campo da história oral<sup>24</sup>.

Neste contexto, José Carlos Sebe Bom Meihy divide os estudos de história oral no Brasil em duas linhas: uma culturalista e outra instrumental. A culturalista empregaria a história oral como uma forma para analisar aspectos culturais, porém, para o autor, esta perspectiva seria limitada porque não entende a história oral como transformadora da realidade<sup>25</sup>. A instrumental entenderia a

---

<sup>21</sup> Exemplos disso são os livros: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa; RAMOS, Jovelino. *Memórias do exílio*. São Paulo: Livramento, 1976. e OLIVEIRA, Albertina et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1980.

<sup>22</sup> Exemplos disso são os livros: CORREIA, Carlos Henrique P.. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 1978. e QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: FFLCH/USP, 1985.

<sup>23</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Os novos rumos da História Oral* ...p. 192.

<sup>24</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Os novos rumos da História Oral* ..p. 193-194.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 195.



história oral como mera metodologia, discutindo-a apenas o seu caráter técnico, não mencionando as especificidades desta em comparação aos outros documentos<sup>26</sup>.

Afinal, para o autor, a história oral possibilita ouvirmos a voz dos excluídos, por à luz às realidades indescritíveis e dar testemunho as situações de sofrimento extremo. A história oral não pode ser compreendida apenas como uma fonte da história, segundo o autor encontra-se argumentos para colocar a história oral como independente em relação às outras disciplinas criadas no século XIX. O primeiro argumento diz respeito ao entendimento axiomático da história oral como algo além da entrevista, entendendo-a como um processo de transformação da realidade. E o outro argumento é o fato da história oral implicar no reconhecimento do sujeito coletivo como motivo do fazer história.

Não obstante o tom pessimista de José Carlos Sebe Bom Meihy sobre o desenvolvimento da história oral no Brasil, não se pode negar que a partir da década de 1980 enumera pesquisas que empregaram a fonte oral como uma das possibilidades de fazer história no país. Estas pesquisas acadêmicas e a criação de revistas especializadas em História oral permitiram a difusão desta para um público mais amplo nos meios intelectuais.

Certamente que esta divulgação da história oral promoveu o questionamento sobre como a fonte oral poderia ser utilizada no ensino de História.

## **HISTÓRIA ORAL E ENSINO DE HISTÓRIA**

Ricardo Oriá em seu texto indicava em 1997 a necessidade do Ensino de História ocupar-se com a questão da memória, porque a partir da metade da década de 1970 assistiu-se a emergência de movimentos sociais que

---

<sup>26</sup> Ibidem, p. 198.

reivindicavam maior participação política, o que levou ao questionamento dos meios acadêmicos sobre o resgate da memória destes grupos<sup>27</sup>.

Apesar de afirmar que havia a necessidade deste “resgate” nos meios acadêmicos e no ensino de história ao desenvolver o seu artigo sobre a memória, o autor, dedica as suas reflexões para a questão dos lugares da Memória, tratando da questão do Patrimônio Histórico<sup>28</sup>.

Esta mesma postura se pode observar em outro livro de Circe Bittencourt “Ensino de História: fundamentos e métodos” que trata da História como disciplina escolar e os seus aspectos metodológicos. Em alguns capítulos a discussão sobre a História oral seria interessante como no capítulo que aborda a questão da história presente ou outro que trata da história local. Porém, as discussões nestes dois capítulos evitam a discussão da história oral, apenas é discutida a importância da história local diante do mundo globalizado e a distinção entre história e memória. Desta forma, não trata da questão do emprego das fontes orais em aulas de história<sup>29</sup>.

Selva Guimarães Fonseca em seu livro “Didática e Prática de Ensino de História” trata dos novos recursos didáticos utilizados no ensino de História com a finalidade de superar as limitações dos livros didáticos. Contudo, a autora indica que a utilização destes novos recursos, como o filme, a música e a tradição oral, necessitam de uma grande preparação do pesquisador e do professor<sup>30</sup>.

A incorporação destas novas linguagens no ensino de história demonstra a necessidade que a escola tem em se atualizar diante das mudanças tecnológicas e culturais, propiciando uma permanente reconstrução do nosso conceito de metodologia de ensino e aprendizagem. A inserção de novas linguagens e, conseqüentemente, de novas fontes na prática pedagógica em sala de aula exige

---

<sup>27</sup> ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe et al. *O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 128-148. p. 129.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>30</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de ensino em História*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2008. v. 1 (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico). 255 p. p. 164.

do docente freqüente atualização, para que ele torne-se o mediador nas relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações<sup>31</sup>.

Estas novas linguagens, entendidas como fontes, fornecem o acesso ao estudo das relações sociais que as constituem, assim como, permite a análise das identidades sociais e culturais. No entanto, ao abordar sobre a prática de fato destas novas linguagens em sala de aula, Selva Guimarães Fonseca, comenta apenas a literatura, os documentários, as canções e a imprensa periódica, não tratando da história oral<sup>32</sup>.

Como mencionado, Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli<sup>33</sup> ressaltam em seu livro a importância da história oral no sentido de oportunizar ao aluno a sensação de ser o partícipe da História, porque lhe permite perceber a história como processo e ele próprio como participante deste processo. As autoras demonstram uma percepção de que a história oral é uma metodologia que se baseia nas fontes orais.

Sendo assim, elas apontam que a metodologia da história oral pode ser apresentada nas seguintes modalidades: histórias orais de vida, relatos orais e depoimentos orais. As histórias de vida por tratar de um recorte mais amplo em relação ao entrevistado, permitem ao entrevistador relacionar várias facetas do entrevistado com a história de seu grupo familiar e social. Por outro lado, os depoimentos orais são conduzidos a partir de um tema em específico produzindo informações e dados mais delimitados<sup>34</sup>.

Após esta distinção, as autoras orientam o leitor sobre como proceder durante as entrevistas como o uso do gravador ou da transcrição. É importante observar que as elas alertam o leitor de que a fonte oral não deve apenas receber uma análise e reflexão no seu produto final, ou seja, após a sua transcrição. Desta forma, todo o processo de produção da fonte oral deve passar por constante análise com os alunos.

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 164-203. Em estudos anteriores a autora trata da história local e a questão do patrimônio. Além disso, desenvolve reflexões sobre história oral em revistas científicas, na perspectiva da formação do professor como também do uso em sala de aula.

<sup>33</sup> SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M.. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e Ação no Magistério). p. 125.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 126.

Além disso, as pesquisadoras afirmam que a história oral está intimamente ligada aos projetos de história local. No entanto, há que se ter o cuidado de não fazer uma história em migalhas, procurando relacionar a história individual do aluno com a de seu grupo e da sociedade, por meio das interpretações da história das sociedades<sup>35</sup>.

Outros cuidados foram mencionados pelas historiadoras como o mito de que a fonte oral seria a voz do excluído e que o historiador não participaria deste processo, o que não confere necessariamente com a forma que realmente estas fontes são produzidas com a condução do historiador<sup>36</sup>. Além disso, o historiador deve estar atento à questão de que a fonte oral é uma memória do entrevistado no presente sobre o passado<sup>37</sup>.

Por isso, ao trabalhar com as fontes orais em sala de aula é fundamental o cruzamento de outras fontes escritas ou outras fontes orais para promover a interlocução entre elas. Para concretizar esta prática em sala de aula, as autoras orientam a elaboração de projetos sugerindo temas como: autobiografias orais, história oral da escola, história oral de pessoas idosas da localidade, etc.<sup>38</sup>.

Recentemente, Regina Célia Alegro publicou o relato dos resultados parciais que um grupo de professores da rede pública de ensino de Cornélio Procopio e Londrina (PR) estão realizando com a FAFICOP e a UEL denominada de Rede de Estudos sobre Ensino e Aprendizagem em História. Entre os estudos desenvolvidos por esta Rede está a aplicação da história oral em sala de aula<sup>39</sup>.

É interessante observar que apesar de tratar-se de um grupo dedicado ao estudo de metodologia de ensino de História, o grupo agrega professores de outras áreas do conhecimento que estão interessados na metodologia da história oral. Percebe-se, desta forma, similarmente o que acontece nas pesquisas que

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> ALEGRO, Regina Célia. Considerações acerca da experiência de elaboração e aplicação de manual para coleta e tratamento de relatos orais no ensino básico. In: CERRI, Luis Fernando (org.). *Ensino de História e Educação: olhares em convergência*. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 11-26.

empregam a história oral, as práticas pedagógicas que empregam a fonte oral também se constitui como um terreno multidisciplinar.

Regina Célia Alegro observa que os professores que empregam a fonte da história oral indicam as dificuldades de sua utilização. Como a preocupação em dar conta do programa curricular e, ao mesmo tempo, desenvolver projetos de história oral que demandam muito tempo, colocando em risco a conclusão dos conteúdos programáticos. Outra dificuldade relativa ao tempo das entrevistas e das transcrições obriga o professor escolher apenas algumas turmas para desenvolver o projeto<sup>40</sup>.

Os projetos de história oral demandam muito tempo e as aulas de permanência não é o suficiente para desenvolver o projeto. Sendo assim, as condições para aplicar a história oral em sala de aula ainda não estão dadas, o que impede a maior incidência destas experiências<sup>41</sup>.

Portanto, de maneira geral a discussão sobre a fonte oral e o ensino de história parece ter acompanhado as indefinições próprias da história oral no Brasil. Pode-se pensar que à medida que o campo da história oral se desenvolveu no país, os estudiosos sobre metodologia de história sentiram-se mais seguros em indicar, orientar e discutir o uso da fonte oral em sala de aula.

Isto é perceptível nos últimos anos da década de 1990 quando muitos estudos foram desenvolvidos no Brasil empregando como fonte a história de vida, sobretudo dos professores. Entre estes estudos encontra-se o de Selva Guimarães Fonseca<sup>42</sup> que após intensa pesquisa anterior sobre a história ensinada nas escolas brasileiras, deu continuidade as suas indagações sobre o ensinar história entrevistando um grupo de 16 professores. A princípio a autora havia optado por entrevistas temáticas que versavam sobre a prática didática dos entrevistados, contudo percebeu que o resultado ficara aquém porque os resultados eram repetitivos.

Sendo assim, abandonou as entrevistas temáticas substituindo-as pelas histórias de vida. As histórias de vida permitiram a pesquisadora o acesso a

---

<sup>40</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>42</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Formação e Trabalho Pedagógico).

internalidade do processo de ensino e das experiências dos professores. Na introdução do seu livro a autora confidencia que resistiu à idéia de utilizar a fonte oral, devido à insegurança que sentiu diante deste tipo de fonte<sup>43</sup>.

Após este receio inicial Selva Guimarães Fonseca efetuou um levantamento sobre trabalhos de pesquisas anteriores que empregassem a história de vida de professores e percebeu que ao contrário do que acontecia na Europa onde a produção é farta, no Brasil as pesquisas nesta área eram exíguas<sup>44</sup>.

A abordagem proposta pela autora é empregar história de vida para compreender e analisar as práticas histórico-educativas dos professores, sendo assim não trata da utilização da fonte oral em sala de aula. De qualquer forma, o seu livro é um indício do receio e das iniciativas dos pesquisadores de ensino de História tendo como referência a fonte oral.

Belmira Oliveira Bueno aborda questões teóricas e metodológicas acerca da temática autobiografia. A autora observa que a partir dos anos de 1980 a produção sobre a história de vida de professores cresceu de maneira considerável, por isso propõe analisar porque a temática as histórias de vida de professores mereceu atenção dos estudiosos do campo de formação de professores. Para tanto, a autora aborda a intersecção entre história social e história individual e como a autobiografia a partir do século XX tornou-se central na investigação das subjetividades. O levantamento dos estudos sobre a história de vida de docentes demonstra a importância da construção de uma teoria e metodologia na formação de adultos, as potencialidades destes estudos, enfatizando a grande diversidade de propostas e a “imaturidade” do debate na área<sup>45</sup>.

Ao realizar o levantamento para este artigo em revistas qualis A na área de Educação e História é observável o número expressivo de pesquisas que se valem da fonte oral para discutir a formação docente a partir de 2000. Estas pesquisas muitas vezes não estão restritas ao âmbito da história, como mencionado o campo da história oral desde seu início foi marcado pela confluência de várias

---

<sup>43</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>45</sup> BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

disciplinas, Sociologia, Pedagogia, História, Linguística para citar apenas algumas.

**Quadro 1:** Artigos que tratavam de histórias de vida identificados nas revistas e período da pesquisa

ARTIGO	AUTORIA	REVISTA	ANO
Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional.	BURNIER, Suzana et al	Brasileira de Educação	2007 (maio/agos.)
O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade	BUENO, Belmira Oliveira	Educação e Pesquisa	2002 (jan/jul)
Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)	BUENO, Belmira Oliveira et al	Educação e Pesquisa	2006 (maio/agos.)
As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial	PINEAU, Gaston. (Univ. de Tours).	Educação e Pesquisa	2006 maio/agos
Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. (Universidade de Paris).	DELORY-MOMBERGER, Christine	Educação e Pesquisa	2006 (mai/agos)
As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras	JOSSO, Marie Christine. (universidade de Genebra).	Educação e Pesquisa	2006 (mai/agos)

Pelos artigos apresentados no Quadro 1 percebe-se que a produção de pesquisas com a aplicação da história de vida se difundiu na última década, porque os artigos tratam ou de relatos de experiências ou de levantamentos sobre pesquisas que empregam a história de vida como fonte para pesquisa.

Outra variante de artigos encontrados nas revistas levantadas foi à relativa à oralidade em sala de aula e, como muitas vezes os professores ignoram o conhecimento oral do aluno, assim como, a questão da oralidade em tempos de tecnologia nas comunicações.

**Quadro 2:** Artigos que tratavam da oralidade identificados nas revistas e período da pesquisa

ARTIGO	AUTORIA	REVISTA	ANO
O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos.	SOUZA, Janine Fontes de; MOTA, Kátia Maria Santos	Brasileira de Educação	2007 (set/dez)
Linguagem Oral na escola em tempo de redes	Claudemir Belintane	Educação e Pesquisa	2000 (jan/jun)
A formação de adultos confrontada	DOMINICÉ, Pierre	Educação e Pesquisa	2006

pelo imperativo biográfico.			(mai/agos)
-----------------------------	--	--	------------

No universo de revistas qualis A (sete revistas) <sup>46</sup> analisadas a maior parte dos artigos encontrados sobre história oral tratavam das questões acima. Sendo que, os artigos publicados sobre a questão da consciência histórica e história oral são de autores estrangeiros relatando o resultado de suas pesquisas realizadas em seus países. Estes artigos são relativamente recentes o que poderá promover estudos congêneres no Brasil o que esperamos que aconteça com mais intensidade.

Na Revista Brasileira de História dois artigos tratavam da História oral, sendo um sobre o estado da arte dos estudos de história oral no Brasil e outro sobre a questão da oralidade e música. Sendo assim, nenhum destes dois artigos promove a discussão sobre o emprego da fonte oral no ensino de História.

Por outro lado, a Revista História Oral que apresenta artigos voltados para a área apresenta apenas um artigo que trata da questão do ensino de história e a fonte oral<sup>47</sup>. Nesta revista percebe-se a predominância de comunicação de estudos sobre história oral e os grupos até então marginalizados na produção histórica, como trabalhadores e mulheres. De fato esta revista contribui de maneira substancial aos estudos da história oral ou da análise das fontes orais, contudo os artigos publicados e a ausência de artigos sobre a questão do ensino de História e a fonte oral é um indicativo que há muito a se discutir e estudar nesta temática.

Por isso são dignas de elogios as iniciativas na área de aplicação da fonte oral em sala de aula no ensino de História e a sua divulgação por meio das revistas acadêmicas. Como o caso de Sirlei F. Ranzi que relata o emprego da metodologia da história oral numa escola municipal de Curitiba, na qual a história oral serviu como uma maneira de criar um vínculo dos alunos com a trajetória da história da Escola Municipal Júlio Mesquita. Após um período de diagnóstico a pesquisa revelou que a maior parte dos alunos era proveniente de

<sup>46</sup> Revista de História (USP), Educação e Realidade, História Oral (RJ), Revista Educação e Pesquisa, Educação e Sociedade, Revista Brasileira de Educação e Educar em Revista.

<sup>47</sup> FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *Historia Oral (RJ)*, v. 9, p. 125-141, 2006.



outras áreas da cidade ou do interior do estado, não possuindo uma ligação estreita com a escola<sup>48</sup>. Neste sentido, o emprego da metodologia da história oral permitiu aos alunos criarem uma identificação com a escola que estudavam.

Pode-se estabelecer um paralelo entre o desenvolvimento da discussão sobre o emprego da fonte oral no ensino de história com a própria produção acadêmica brasileira ligada a história da educação.

Denice Bárbara Catani e Luciano Mendes de Faria Filho ao analisarem os trabalhos apresentados no GT Educação e História da Anped estabeleceram dois momentos distintos de 1984 a 1989 e o de 1990 em diante<sup>49</sup>. O primeiro momento se observa que os debates e as trocas de experiência diziam respeito às questões teórico-metodológicas da pesquisa na área. O grupo verificava a necessidade da produção de uma bibliografia básica para a história da educação<sup>50</sup>. Para tanto, pretendia-se a localização e a identificação dos acervos documentais no país, assim como da produção acadêmica sobre este tema. A diversidade temática foi uma das marcas deste momento. Segundo os autores até 1989 os trabalhos apresentados foram poucos, porém a discussão permitiu a expansão e consolidação do grupo.

O segundo momento é definido pelo GT de 1990 que apresentou três blocos de trabalhos apresentados: o primeiro da História da educação: tema e metodologia em debate que entre as fontes indicadas estava a história oral. O segundo de História da Educação: substantivo feminino que tratava das questões relativas a gênero. E o terceiro da História da educação: problematizando projetos e instituições.

Identificam-se dois movimentos no GT a partir deste encontro: o primeiro é a quebra de barreiras disciplinares, os seus comunicadores poderiam ser pedagogos ou historiadores, porém o que os unia era o projeto e a prática de trabalho. O segundo movimento de mudança é adoção de novos temas e

---

<sup>48</sup> RANZI, S. Fisher. Fontes orais, História e saber escolar. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 29-42, 2001. Editora da UFPR.

<sup>49</sup> CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan, fev, mar, abri, 2002, p. 113-128. p. 114.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 116.

renovação da interpretação da história. Por isso, a questão da história oral e de gênero tornou-se objeto do grupo neste período<sup>51</sup>. Neste período há um esforço de articulação do grupo com pesquisas desenvolvidas fora do país.

Os autores indicaram que 90,8% dos trabalhos apresentados pelo grupo no período de 1984 a 2000 possuíam fontes escritas, uma diferença significativa entre as fontes orais (7,5%) e as imagéticas (1,7%)<sup>52</sup>.

Neste sentido, a partir da constatação de que a produção acadêmica com fontes orais corresponde a 7,5 % na década de 2000, isso com certeza reflete no número de publicações em revistas científicas. Na medida em que as pesquisas na área de ensino de história oral e ensino de História se desenvolver esperam-se que as publicações de artigos também acompanhem este ritmo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo breve levantamento realizado percebe-se que a discussão sobre o ensino de História e as fontes orais tem um longo caminho a percorrer. Neste sentido, seria interessante a publicação de balanços sobre os Anais de Eventos da área de História e Educação, similar ao que foi escrito pelos autores Denice Bárbara Catani e Luciano Mendes de Faria Filho<sup>53</sup> sobre os temas comunicados nos GTs de História da Educação da ANPED para a questão da fonte oral e ensino de história por exemplo na ANPUH.

Não obstante, as dificuldades em empregar a fonte oral no ensino de história a elaboração de projetos para a produção da fonte oral na escola poderia permitir mais indícios para a discussão desta temática. Outra questão a ser tratada seria a utilização de depoimentos orais contidos em arquivos públicos discutindo a intencionalidade do entrevistador e a subjetividade do entrevistado.

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 118-119.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>53</sup> CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan, fev, mar, abri, 2002, p. 113-128.

De qualquer forma, os limites encontrados para a disseminação da utilização da fonte oral em sala de aula, apenas tornam mais instigante o caminho a ser construído.

## REFERÊNCIAS

- ALEGRO, Regina Célia. Considerações acerca da experiência de elaboração e aplicação de manual para coleta e tratamento de relatos orais no ensino básico. In: CERRI, Luis Fernando (org.). *Ensino de História e Educação: olhares em convergência*. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 11-26.
- ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica de Argentina, 2002.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan, fev, mar, abri, 2002, p. 113- 128.
- CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa; RAMOS, Jovelino. *Memórias do exílio*. São Paulo: Livramento, 1976.
- CORREIA, Carlos Henrique P.. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 1978.
- DIRETRIZES DE HISTÓRIA DO ESTADO DO PARANÁ. 2007. p. 43.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da História oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de ensino em História*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2008. v. 1 (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico). 255 p.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Formação e Trabalho Pedagógico).
- FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *Historia Oral* (RJ), v. 9, p. 125-141, 2006.
- KESSEL, Zilda. *Memória nos Parâmetros Curriculares*. Disponível em: [www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br](http://www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br). Acesso em: 04/08/08.
- MATTOZZI, Ivo. Memória y formación histórica: la memoria em la clase de historia. *Memória histórica y educacion. Didactica de las Ciencias Sociales, Geografia e História*. Grão, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da História Oral: o caso Brasileiro. *Revista de História*. São Paulo, n. 155, 2 sem/ 2006. p. 191- 204.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 112-113.

- OLIVEIRA, Albertina et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1980.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: FFLCH/USP, 1985.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe et al. *O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 128-148. p. 129.
- PAGÉS, J. El lugar de la memoria em la enseñanza de la historia. *Memória histórica y educación. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*. Grão, 2007.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. HISTÓRIA. MEC, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. What makes oral history different. In: PERKS, Robert; THOMSON, Alistair. *The oral history reader*. New York: Routledge, 2003. p. 63-74.
- RANZI, S. Fisher. Fontes orais, História e saber escolar. *Educar*, Curitiba, n. 18, p. 29-42, 2001. Editora da UFPR.
- SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M.. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e Ação no Magistério).
- VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: FERREIRA, Mariete de Moraes; JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (orgs.). *Uso e abusos da História oral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 43-62.